

## DIFICULDADES FONÉTICAS, PROCEDENTES DA REALIZAÇÃO SONORA DE ARQUIFONEMAS, DO FALANTE DE ESPANHOL QUE APRENDE PORTUGUÊS: IDENTIFICAÇÃO, DIAGNÓSTICO E PROPOSTAS DE SUPERAÇÃO

Cristiane Siqueira de Resende  
UFPE

O presente trabalho tomou como pressuposto as dificuldades fonéticas para falantes do espanhol que se propõem a aprender o português. O estudo elegeu como modelo a variedade portuguesa usada no Brasil pelos meios de comunicação. É sabido que tanto o português quanto o espanhol conservam um desenho linguístico próximo, uma vez que resguardam a mesma origem, o latim. Sem esquecer, obviamente, sua herança de línguas germânicas, especialmente do gótico, e do árabe.

O estudante hispânico que aprende o alemão, por exemplo, é como um especulador perdido em um intrincado número de sons ignorados, grupos de vogais e consoantes aparentemente pronunciados sem regra ou convenção. Em contrapartida, o falante do espanhol que aprende português, sente-se confortável nas aulas de português desde o início. Essa confiança deve-se às próprias similaridades com as letras e sons, mesmo tendo consciência de estar diante de um sistema linguístico díspar ao seu.

Esta proposta tem como objetivo identificar, diagnosticar e propor um caminho alentador para superação do problema da realização sonora do arquifonema do falante do espanhol na produção dos sons do português. O estudo fundamentou-se na análise dos quatro arquifonemas do português /S/, /N/, /L/, /R/, na busca de um mapeamento das dificuldades fonéticas, encontradas pelo aluno hispânico, quando no uso do português.

Sabe-se que em um dado contexto ocorre a neutralização de um ou mais fonemas. Para Silva (2005, p. 158), “um arquifonema expressa a perda de contraste fonêmico, ou seja, a neutralização de um ou mais fonemas em um contexto específico.” O que implica em que as modificações pelas quais passam os fonemas em seu processo articulatório podem, em determinadas circunstâncias, neutralizar a oposição entre eles.

Considerando o próprio idioma materno do aprendiz como a principal causa da interferência no processo e aprendizagem de línguas estrangeiras, o professor de uma L2 precisa estar ciente do papel desse idioma materno, uma vez que, segundo Mascherpe (1970, p.2), “o estudante identificado aos padrões de articulação de sons e de distribuição de fonemas de sua língua, inclinar-se-á a aplicá-los à língua alvo, amoldando-a aos hábitos linguísticos que já possui.”



Uma releitura da interpretação dos fonemas os fez ser vistos como um feixe de traços distintivos. Esse tipo de abordagem teve início no Círculo Linguístico de Praga com o aporte de Jakobson, mas foi através da Fonologia Gerativa que os traços distintivos, apontados por Chomsky e Halle (1968), descrevem esses traços baseando-se em propriedades articulatórias. Desta forma, utilizam termos mais familiares do que os empregados por Jakobson, que descrevia os traços em termos acústicos ou perceptuais.

Roman Jakobson obteve um papel relevante nos estudos fonológicos, na formulação do conceito de unidade mínima indivisível, o fonema. Jakobson (1967) contribui para a fonologia pois estabelece o fonema como uma composição de traços fônicos, definindo-o como um “feixe de traços distintivos”.

Segundo Crystal (1988, p. 238) o conceito deste tipo de fonema está ajuizado na definição que se segue: “Termo usado em fonologia com referência a uma maneira de se lidar com o problema da neutralização, ou seja, quando o contraste entre fonemas se perde em certas posições de uma palavra.”

Cada língua organiza seu registro fonético de acordo a um conjunto finito de elementos sonoros. Os falantes nativos, por sua vez, conseguem, mesmo que intuitivamente, identificar, pronunciar, reconhecer ou rejeitar tais sons. Assim sendo, as línguas empregam os fonemas de forma distinta, pois o fonema sozinho não tem qualquer significação. Gili Gaya (1966, p.83) propõe que: “Todo idioma possui um sistema limitado de fonemas, com valor de sinais linguísticos conscientes, a que os sons ilimitados que são realmente pronunciados se referem”.

Vale salientar que independentemente das semelhanças do português e espanhol, observa-se que cada língua não apresenta as mesmas unidades, nem a mesma alofonia. Cumpre ainda ressaltar que o hispânico aprendiz do português, não encontrará êxito no processo de aprendizagem da língua meta transferindo o sistema fonético e fonológico do espanhol para a língua portuguesa.

Ainda segundo Masip (2012):

Há mais divergências acústicas do que convergências entre os sistemas fonéticos português e espanhol, a partir da consideração de sons vocálicos, em qualquer contexto de atonicidade e em qualquer posição, sem presença de consoante nasal, e de sons consonantais, situados em qualquer posição. (Excluimos os sons consonantais que só existem em posição pré-vocálica em português e espanhol: [tΣ] [y] [x] [ʃ].) (MASIP, 2012, p. 15)

Considerando a citação supracitada, uma didática eficaz deve partir da língua materna, especialmente quando se trata de idiomas tão próximos como o português e o espanhol. É fundamental refletir sobre a língua materna do aprendiz e o idioma que ele propõe-se aprender,



identificar os pontos de contato e as diferenças, estabelecendo um método e estratégias precisas.

Fundamentado nas teorias estruturalistas do Círculo Linguístico de Praga e da publicação de sua obra póstuma “Princípios de Fonologia” (1939) de Nikolay Trubetzkoy, a fonética e a fonologia passam a assumir espaços como ciências distintas, atestadas pela linguística. A primeira, como a ciência dos sons da língua, e a segunda, como a ciência dos sons da fala.

No entanto, a divulgação das ideias de Trubetzkoy, não só em língua portuguesa, mas também nas demais línguas românicas, só foi possível a partir de 1949, com a tradução de *Cantineau* para o francês.

Segundo J. Baudouin de Courtenay, o fonema era como o “equivalente psíquico do som”. Concepção não aceita por Trubetzkoy, pois para ele:

[...] os sons não são fenômenos puramente físicos, mas psicofísicos por definição [...] o que distingue o fonema do som não é o seu caráter puramente psíquico, mas antes seu caráter diferencial – o que faz dele um valor linguístico (TRUBETZKOY, 1933, p. 16-17).

Segundo Trubetzkoy, a fonologia não objetiva estudar os sons, mas os fonemas, os elementos imateriais constitutivos do significante linguístico. Além do mais, para Trubetzkoy, “a fonética procura descobrir o que de fato se pronuncia ao falar uma língua, e a fonologia o que se crê pronunciar” (TRUBETZKOY, 1933, p. 19).

Surge, então, o arquifonema, assim explicado por Trubetzkoy: “Por arquifonema queremos dizer todas as características distintivas comuns aos dois fonemas”. (TRUBETZKOY, 1933, p. 19).

Ainda conforme Trubetzkoy (1933, p.19), nunca devemos esquecer que na fonologia o papel principal não são os fonemas, colocados em oposições distintas. Um fonema tem um conteúdo fonológico definível apenas porque o sistema de oposições fonológicas tem uma estrutura e ordem específicas.

Trubetzkoy faz alusão à fonologia histórica, cujo estudo deve ser realizado pelo sistema fonológico como uma entidade orgânica em desenvolvimento, considerando dois princípios:

1. O que se acha sujeito à evolução não são os fonemas ou os sons isolados, mas o sistema fonológico;
2. Toda evolução de um sistema como tal se acha guiada pela tendência até um limite.



Para Masip (2012) algumas diretrizes para a formação de professores brasileiros de língua espanhola são emergentes. Sendo assim, o autor cita:

No âmbito da Fonética Articulatória Segmental, interiorizarão os quadros fonológicos vocálicos e consonantais do português e do espanhol, a classificação dos fonemas segundo os tempos, lugar e modo de articulação, participação das cordas vocais e posição do véu do palato; os fonemas portugueses que não existem em espanhol e os fonemas espanhóis que não existem em português; as dificuldades fonéticas e ortográficas dos estudantes brasileiros, oriundas de fonemas espanhóis estranhos ou próximos à própria língua. (MASIP, 2012, p. 2)

Um dos aspectos que distingue a aquisição da L2 é que o aprendiz inicia este trabalho já dominando uma língua. Não se conhece com exatidão qual papel a língua materna desempenha na L2, mas sabe-se que há maior disparidade na aquisição fonológica de L2 em relação a L1 do que nos demais componentes da língua. O aprendiz do espanhol, por exemplo, possui um inventário segmental diferente do português. Com isto, pode haver transferência da pronúncia da L1 (português) para a L2 (espanhol). Em relação ao fato de um determinado conceito provocar no cérebro uma imagem acústica equivalente, Saussure diz que:

É um fenômeno inteiramente psíquico, seguido, por sua vez, de um processo fisiológico: o cérebro transmite aos órgãos da fonação um impulso correlativo da imagem; depois, as ondas sonoras se propagam da boca de A até o ouvido de B; processo puramente físico. Em seguida, o circuito se prolonga em B numa ordem inversa: do ouvido ao cérebro, transmissão fisiológica da imagem acústica; no cérebro, associação psíquica dessa imagem com o conceito correspondente. (SAUSSURE, 1916, p. 19).

Com relação ao espanhol e o português encontramos uma produção deficiente ou não satisfatória generalizada por parte dos usuários de ambos os códigos nas interfaces espanhol – português e vice-versa. Essa constatação é ainda maior quando falamos nas dificuldades na língua escrita – frente à manifestação oral. A partir daqui será identificado, diagnosticado e proposto uma forma encorajadora de contornar o problema da realização sonora dos arquifonemas em português, [S], [N], [L], [R], pelo falante espanhol:

## 1. Arquifonema [S]

ESPAÑHOL / PORTUGUÊS			
FONEMA	SONS	LETRAS	EXEMPLOS
/s/	[s] (esp./port.)	s, c, z, x (esp./port.) ss (port.) ç (port.) sc (port.) xs (port.) xc (port.) sç (port.)	seda- <del>c</del> eder-feliz-taxímetro (esp./port.) ca <del>s</del> sado (port.) ca <del>ç</del> apa (port.) consciência (port.) ex <del>s</del> udar (port.) ex <del>c</del> ede (port.) des <del>ç</del> a (port.)

Masip (2016)



## 1.1 Dificuldade do hispanofalante em estabelecer a correspondência entre o som [S] e seu desempenho ortográfico.

O som [s] português possui 9 representações ortográficas possíveis: **s** (seda), **ss** (cassado), **sc** (consciência), **sç** (desça), **c** (ceder), **ç** (caçapa), **xc** (excede), **x** (taxímetro), **z** (feliz).

### 1.1.1 Como superar

O falante do espanhol deve realizar exercícios sistemáticos de leitura em voz alta para detectar e produzir adequadamente o som [s] em todos os contextos indicados. Como as letras **c, z, x** são articuladas como [s] em algumas regiões da Espanha e na maioria dos países da América, sua articulação em português não constituirá um problema especial. O desafio vem das realizações portuguesas **ss, sc, ç, sç e xc**.

## 1.2. Tendência do hispanofalante a pronunciar a letra S de forma semelhante em todos os contextos

A letra **s** do português soa [s] quando abre uma palavra (soda, sete), ou abre uma sílaba após uma consoante (cansaço, curso, valsa) e quando fecha uma sílaba ou palavra (gás, vesga, compra, gosto, assusta); mas de [z] quando abre uma sílaba, no meio de uma palavra, depois de uma vogal: ca [z] a, ro [z] a, preguiço [z] o, avi [z] a, fu [z] o (casa, rosa, preguiçoso, avisa, fuso).

### 1.2.1 A dificuldade

O falante do espanhol pronuncia todas as letras **s** portuguesas que iniciam sílaba como se tivessem o som [s]. Por exemplo, diz a[s]a (asa) em vez de a[z]a.

### 1.2.2 Como superar

O som [z] português é semelhante ao que articulam os hispanofalantes quando imitam o zumbido de um inseto: zzzzzzz.

(diagramas dos sons [s] [z])

Sim: me[z]a (mesa)

Não: me[s]a (mesa)

## 1.3 Observação sobre o som [S] no final da palavra

O som do português [s] no final de uma palavra, escrito **s** (jus, maçãs, sóis, mês) ou **z** (rosto, voz, fez, capuz) é articulado na maior parte do Brasil, mesmo em um contexto culto informal, precedido pelo som [i] (ju [is] maçã [is] só [is] mês [is] fa [is] vo [is], fe [is], capu [is]).



## 2. Arquifonema [N]

ESPAÑHOL / PORTUGUÊS			
FONEMA	SONIDO	LETRA	EXEMPLO
/n/	[n] (esp./port.)	n (esp./port.)	re <u>n</u> ante (esp./port.)

Masip (2016)

### 2.1 Tendência do hispanofalante a omitir a nasalização das vogais situadas antes do som [n]

O som [n] é muito semelhante em português e espanhol quando colocado antes de uma vogal, no início de uma sílaba; sua realização ortográfica, também: nada, neve, nipônico, noiva.

#### 2.1.1 A dificuldade

Quando o som [n] é encontrado após uma vogal, principalmente se for uma tônica, fechando a sílaba (sândalo) ou iniciando a próxima sílaba (cana), transfere sua nasalidade para a vogal anterior. Quem fala o espanhol não consegue nasalizar. Diz, por exemplo, [án] tes em vez de [a<sup>◌</sup>]:tes.

#### 2.1.2 Como superar

O falante do espanhol deve evitar que a língua apoie sobre os alvéolos dentais superiores, procurando mantê-la relaxada, e deixar a consoante nasal invadir a vogal, forçando o ar a sair pelo nariz.

(diagramas dos sons [ã:] [an])

sim: c[ã:]ta (canta)

não: c[án]ta (canta)

(diagramas dos sons [õ:] [o])

Sim: c[õ:]ne (cone)

não: c[ó]ne (cone)

#### Escuta e repete:

- exercícios com som [n] após vogal na mesma sílaba;
- exercícios com som [n] após vogal na sílaba seguinte.

## 3. Arquifonema [L]

ESPAÑHOL / PORTUGUÊS			
FONEMA	SONS	LETRA	EXEMPLOS
/l/	[l] (esp./port.) [l̃](port.)	l (esp./ port.) l (port.)	español/português l <u>l</u> ado (esp./ port.) ca <u>l</u> do (port.)

Masip (2016)



### 3.1 Tendência do hispanofalante a pronunciar o som [l] de final de uma sílaba ou palavra de forma pouco marcada

O som [l] é exatamente igual em português e espanhol quando colocado antes da vogal, no início da sílaba: lago, legar, liga, logo, luta.

#### 3.1.1 A dificuldade

O brasileiro articula o som [l] que fecha a sílaba, de forma velar, como [l̠], um som próximo ao [u]. Por exemplo, diz a[l̠]go em vez de a[l]go (algo).

#### 3.1.2 Como superar

O falante de espanhol deve articular o som [l̠] de final de sílaba como se fosse um som [u] prolongado, mas com arredondamento labial pouco marcado e poco tenso.

(diagramas dos sons [l] [l̠])  
 sim: ca[l̠]do (caldo)                      não: ca[l]do (caldo)

## 4. Arquifonema [R]

ESPAÑHOL / PORTUGUÊS			
FONEMAS	SONS	LETRAS	EXEMPLOS
/r/(esp/port)	[r] (esp./port.)	r (esp./port.)	para (esp./port.)
/r̠/(esp.)	[r̠] (esp.)	r, rr (esp.)	<u>red-carro</u> (esp.)
/r̠̥/(port.)	[r̠̥] (port.)	r, rr (port.)	<u>roda-carro</u> (port.)
	[r̠̥̥] (port.)	r, rr (port.)	<u>roda-carro</u> (port.)
	[r̠̥̥̥] (port.)	r, rr (port.)	<u>roda-carro</u> (port.)

Masip (2016)

### 4.1 Tendência do hispanofalante a pronunciar as letras r/rr como vibrantes múltiplas

O som [r] é exatamente o mesmo em português e espanhol quando se localiza entre as vogais: para, pêra, pira, pura, poro ou entre consoante e vogal: Brasil, presente, tributo, draga, gosto, crepúsculo, fragância.

#### 4.1.1 A dificuldade

O brasileiro realiza o som espanhol [r̠̥̥̥] como [r̠̥̥̥] nos demais contextos (a variante portuguesa [r̠̥̥̥], igual ao espanhol [r̠̥̥̥], só ocorre em algumas regiões do sul do Brasil). Por exemplo, diz [r̠̥̥̥]rua (rua) e pa[r̠̥̥̥]ti[r̠̥̥̥] (partir).

#### 4.1.2 Como superar

O hispanofalante deve articular o som [r̠̥̥̥] inicial e final de sílaba ou palavra como o som do espanhol, só que aspirado e suavizado.



(diagramas dos sons [r] [r̥] [r̄])

Sim: Be[r̄]lim (Berlim)

Não: Be[r]lim o Be[r̥]lim (Berlim)

Sim: [r̄]aiva (raiva)

Não: [r̥]aiva (raiva)

### Considerações finais

É evidente a necessidade do estudo fonético-fonológico por parte de quem se propõe a aprender uma segunda língua. Os quatro arquifonemas em português, [S], [N], [L], [R] apresentam diferentes representações ortográficas, a solução seriam exercícios específicos e sistemáticos de leitura em voz alta para detectar e produzir, de forma adequada, sons em diferentes contextos.

Vale chamar a atenção para o notório fato do processo de alfabetização não ser trabalhado de forma paralela com o fonológico. Neste sentido, as próprias diretrizes curriculares, para a alfabetização, não ponderam sobre este fator como algo relevante. Sabe-se que os cursos para alfabetizadores não incluem em seu programa disciplinas que abordem o funcionamento da estrutura sonora da língua e, com isso as regras fonológicas, mudanças estruturais e as variações dialetais que os alunos terminam transferindo para a escrita.

### Referências

CHOMSKY, N. & HALLE, M. The Sound Pattern of English. New York: Harper & Row. 1968.

GILI GAYA, S. Elementos de fonética general. Madri: Editorial Gredos S. A, 1966.

MASCHERPE, M. Análise comparativa dos sistemas fonológicos do inglês e do português. 1970. Tese de doutoramento em língua e literatura inglesa. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis. Assis, 1970.

MASIP, V. Como detectar, descrever, diagnosticar e resolver as principais dificuldades fonéticas de brasileiros aprendizes de espanhol mediante o uso de novas tecnologias. In Políticas e valorização do ensino de espanhol no contexto brasileiro: desafios. Pontes: Campinas. 2016.

\_\_\_\_\_. Fonologia, fonética e ortografia portuguesas. Rio de Janeiro: GEN/LTC. 2014.

SAUSSURE, F de. Curso de linguística geral. Trad. de A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2006. Cours de linguistique general. Charles Bally e Albert Sechehaye (org.), com a colaboração de Albert Riedlinger, 1916.

SILVA, T.C. Fonética e fonologia do Português. São Paulo: Contexto, 2005.

TRUBETZKOY, N. S. Principes de phonologie. Paris, Klincksieck. Trad. J. Cantineau do orig. al. 1. ed. 1939.

